

*Artigos Originais***ASPECTOS MOTIVACIONAIS E A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO:  
UM ESTUDO COM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO***Original Articles***MOTIVATIONAL ASPECTS AND STUDENT-TEACHER RELATIONSHIP:  
A STUDY WITH HIGH SCHOOL STUDENTS**

Daniela Karine Ramos\*

<http://lattes.cnpq.br/8550127168451003>[dadaniela@gmail.com](mailto:dadaniela@gmail.com)

Ana Paula Moreira Goeten\*\*

<http://lattes.cnpq.br/1110068625315360>[apaulamoreira@gmail.com](mailto:apaulamoreira@gmail.com)**CAMINE: Cam. Educ. = CAMINE: Ways Educ.**, Franca, SP, Brasil - eISSN 2175-4217 - está licenciada sob [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)**RESUMO**

O processo de ensino e aprendizagem revela-se dinâmico e permeado pelas interações sociais e contextuais. Nesse presente trabalho colocamos em ênfase a relação professor-aluno, visando discutir o modo como a mesma pode interferir na aprendizagem, principalmente, pelos aspectos motivacionais que podem se fazer presentes. Ao mesmo tempo pretendemos pontuar alternativas que possam enriquecer a relação professor-aluno, bem como identificar possíveis fatores que a dificultam. A pesquisa desenvolvida caracteriza-se por ser um estudo exploratório e qualitativo, apesar de fazer uso de dados quantitativos, os quais são tomados como indicadores e complementares para as análises realizadas. A amostra da pesquisa compôs-se por 72 alunos do Ensino Médio de uma escola pública da rede estadual de Santa Catarina, com idade entre 14 e 18 anos. Os procedimentos metodológicos utilizados foram a aplicação de questionário, a organização e sistematização dos dados coletados, utilizando como orientação metodológica a proposta de Análise de Conteúdo. A partir disso, identificou-se que parte dos alunos que responderam ao questionário declararam não gostar de estudar e que permanecem na escola, principalmente, por exigências do mercado de trabalho. Dentre as principais causas do

\* Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Departamento de Metodologia de Ensino da UFSC.

\*\* Graduação em Pedagogia pela Universidade do Contestado (UnC). Especialista em Coordenação Pedagógica. Assistente Técnico Pedagógico da Escola de Educação Básica Erich Gruetzmacher, Jaraguá do Sul, Santa Catarina.

desinteresse apontadas pelos alunos, tivemos: os conteúdos curriculares descontextualizados e a atuação do professor que não os motiva a aprender.

**Palavras-chave:** motivação. aprendizagem. relação professor-aluno.

## **ABSTRACT**

The teaching-learning process is dynamic and permeated by social and contextual interactions. In this present work we emphasize the teacher-student relationship, to discuss how it can interfere in learning, mainly by the motivational aspects involved. At the same time, we intend to present alternatives that can enrich the student-teacher relationship, and to identify possible factors that difficult it. The research developed is an exploratory qualitative study, despite making use of quantitative data, which are taken as indicators and complementary for the analysis. The research sample consisted of 72 high school students from a public state school of Santa Catarina, aged between 14 and 18 years old. The methodological procedures used were questionnaires, organization and systematization of the collected data, using the Content Analysis proposal as a methodological orientation. From this, it was found that the students who responded to the questionnaire said they did not like to study and stay in school, mainly by demands of the labor market. Among the main causes of disinterest by students, it had been identified: the decontextualized curricula and teacher's performance, that doesn't motivate them to learn.

**Keywords:** motivation. learning. teacher-student relationship.

## **INTRODUÇÃO**

O processo de ensino e aprendizagem revela-se dinâmico e permeado pelas interações sociais e contextuais. Nesse presente trabalho colocamos em ênfase a relação professor-aluno, visando discutir o modo como a mesma pode interferir na aprendizagem, principalmente, pelos aspectos motivacionais que podem se fazer presentes. Ao mesmo tempo pretendemos pontuar alternativas que possam enriquecer a relação professor-aluno, bem como identificar possíveis fatores que a dificulta.

No dia a dia da escola existem várias situações que nos causam preocupação, uma delas é a percepção de que muitos alunos não tem vontade de aprender o que a escola se propõe a ensinar, o que por sua vez manifesta-se por comportamentos recorrentes como os alunos não trazerem materiais escolares básicos como o lápis e a borracha, não fazerem os deveres de casa, não concluírem as atividades em sala, se negarem a participar interativamente da aula, conversarem paralelamente à explicação, não organizarem seu tempo para o estudo e a leitura,

demonstrando descaso com a sua própria educação.

Por outro lado, a disposição para a aprendizagem – que envolve fatores vinculados a equilíbrio pessoal, a relação interpessoal e a inserção social – e a motivação que envolve uma atitude favorável e interesse em relação à aprendizagem são princípios fundamentais da aprendizagem significativa (ZABALA; ARNAU, 2010). Assim, justifica-se nosso esforço em tentar compreender os aspectos motivacionais relacionados à aprendizagem e explicitar o papel da relação professor-aluno.

## **A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO E OS ASPECTOS MOTIVACIONAIS À APRENDIZAGEM**

A relação professor-aluno se constitui no momento de encontro entre o aluno e o professor, que ao interagirem constroem vínculos, criam expectativas, fomentam sentimentos e emoções que podem repercutir sobre o processo de ensino e aprendizagem. Todos nós começamos a aprender desde o nascimento em decorrência de alguns fatores como as trocas emocionais, a aprendizagem social, a observação e a imitação, os quais são processos importantes que se efetivam na interação com o meio (FUSVERKI; PABIS, 2008, p.2).

Essa interação é condição fundamental à aprendizagem, o que é reforçado por Assmann (2000, p. 36) ao pontuar a tese de que “o organismo vivo e seu entorno formam, em cada momento, um único sistema, e qualquer distinção acerca de autonomias de subsistemas dentro desse sistema tem que frisar o caráter relativo dessas autonomias.”

Segundo os parâmetros auto-organizativos, não pode haver transferência de conhecimento para dentro do organismo, pois não temos dois sistemas separados. O conhecimento é a forma de existência do sistema. Assim, “Os sentidos não são janelas, mas interlocutores do mundo.” (ASSMANN, 2000, p. 37).

Esses parâmetros reforçam que “O ser humano se desenvolve em interações com o ambiente sociocultural do qual faz parte.” (ROSA; RAMOS, 2011, p. 11). Assim, torna-se importante que o profissional da educação conheça e procure compreender o meio em que estão inseridos os seus alunos, de uma forma mais ampla, levando em conta os fatores históricos, sociais e culturais, e que este meio

não é estático, ele sofre mudanças e alterações continuamente, de acordo com a atuação dos próprios sujeitos. As pessoas não são iguais ao longo da vida, elas modificam o meio onde vivem e convivem e, também, se modificam e se desenvolvem continuamente “[...] mesmo quando certos elementos componentes do meio da criança permanecem aparentemente constantes, o desenvolvimento dela produz mudanças nas condições do meio.” (PINO, 2010, p. 749).

Ao considerarmos essas dinâmicas e a própria plasticidade inerente ao ser humano, a interação social e o diálogo revelam-se fundamentais para que o contexto e as condições à aprendizagem possam ser apreendidas pelo professor no processo de ensino e aprendizagem. Gadotti (1999) esclarece que a relação dialógica se estabelece no contexto escolar quando o professor põe em prática o diálogo e destitui-se da posição de detentor do saber. Assim, a relação entre professor-aluno depende não só do grau de conhecimento que o professor dispõe em relação aquilo que se propõe ensinar, mas também da capacidade de compreender o aluno como um ser em transformação, que necessita ser ouvido e aprender a ouvir, refletir, discutir.

O professor, ao atuar como mediador, busca fazer pontes entre o aluno e o conhecimento, o aluno e o mundo, preparando-o para viver com responsabilidade social, com consciência dos seus deveres, cidadania e autonomia. A mediação no ensino visa “[...] assegurar os meios e as condições para que ocorra o encontro formativo – afetivo, cognitivo, ético, estético - entre o aluno e o objeto de conhecimento.” (LIBÂNEO, 2009, p. 4).

E esse conhecimento escolar não é igual ao conhecimento científico, isso porque o conhecimento escolar é “uma construção específica da esfera educativa, não como uma mera simplificação de conhecimentos produzidos fora da escola [...] tem características próprias que o distinguem de outras formas de conhecimento.” (MOREIRA; CANDAU, 2007, p. 22)

Nessa mediação pedagógica cabe, ainda, ao professor a autoridade em relação aos alunos, fundamentada no profissionalismo e no compromisso (FURLANI, 1991). Uma autoridade que estabeleça uma mediação democrática, que liga liberdade e igualdade no intuito de melhorar a qualidade da vida humana coletiva e chegar ao objetivo de construir conhecimento. Portanto, a autoridade do

professor não deve ser baseada na hierarquia, no abuso de poder, no autoritarismo, mas sim no entendimento de que quem exerce a função de professor tem conhecimento sistematizado a mais que o aluno, o que advém da sua formação. Assim sendo, o professor na sua função mediadora passa a ser também um referencial para o seu aluno, contribuindo com a ampliação e o aprofundamento do conhecimento.

O ser professor exige motivação intrínseca e autoconfiança, ele precisa ter criatividade, acreditar em sua capacidade, dedicar-se de forma comprometida ao ensino, pois, segundo Tapia e Fita (2004. p.88), “[...] se um professor não está motivado, se não exerce de forma satisfatória sua profissão, é muito difícil que seja capaz de comunicar a seus alunos entusiasmos, interesse pelas tarefas escolares; é, definitivamente, muito difícil que seja capaz de motivá-los.”

Sobre a motivação para aprender podemos distinguir a motivação a intrínseca e a extrínseca, segundo Neves e Boruchovitch (2004, p. 79):

[...] a motivação intrínseca configura-se como uma tendência natural para buscar novidades e desafios. O indivíduo realiza determinada atividade pela própria causa, por considerá-la interessante, atraente ou geradora de satisfação. É uma orientação motivacional que tem por característica a autonomia do aluno e a auto-regulação de sua aprendizagem. Já a motivação extrínseca tem sido definida como a motivação para trabalhar em resposta a algo externo à tarefa, como a obtenção de recompensas externas, materiais ou sociais, em geral, com a finalidade de atender solicitações ou pressões de outras pessoas, ou de demonstrar competências e habilidades.

A motivação “É um conjunto de processos que desencadeiam a ação, determinando sua intensidade e direção (aproximação ou fuga), além de, em alguns casos, a perseverança.” (LIERY, 2010, p. 11). No contexto escolar a motivação move o aluno em direção à tomada de decisões e ações que favorecem a sua aprendizagem, envolvendo questões subjetivas, expectativas, projetos de vida e interesses e, também, aspectos contextuais, como a relação professor-aluno, o uso de recursos didáticos e o tipo de conteúdo trabalhado.

Desse modo, ao trabalharmos aspectos contextuais e a relação professor-aluno fortalecemos as condições para uma maior motivação extrínseca que podem interferir de forma positiva na aprendizagem do aluno.

## METODOLOGIA

A pesquisa desenvolvida caracteriza-se, principalmente, por seu caráter qualitativo, apesar de fazer uso de dados quantitativos, os quais são tomados como indicadores e complementares para as análises realizadas. Ao mesmo tempo em que pode ser caracterizado como um estudo exploratório, por permitir satisfazer as curiosidades dos pesquisadores e possibilitar a melhor compreensão do problema em questão (BABBIE, 1986).

A amostra foi composta por conveniência por sujeitos alunos do ensino médio de uma escola pública estadual de Jaraguá do Sul, em Santa Catarina, mais especificadamente alunos do 1º e 2º anos, dos períodos matutino e noturno, abrangendo um total de 72 sujeitos, distribuídos em quatro turmas.

As turmas foram selecionadas de acordo com o critério da faixa etária que incluiu alunos entre 14 e 18 anos, delimitando um público adolescente. Diante disso, destacamos que é nessa faixa etária que acontecem muitas mudanças na vida dos alunos, em que passam a assumir maiores responsabilidades, onde muitos ingressam na vida profissional ou estão em preparação para tal. Todas essas mudanças podem despertar certos comportamentos e atitudes de desinteresse em sala de aula e em relação aos estudos. De acordo com Cavenaghi e Bzuneck (2009, p. 1479)

[...] há um claro declínio na motivação dos alunos quando atingem as séries finais do ensino fundamental e/ou quando chegam ao ensino médio. Os pais e os professores ficam surpresos quando seus filhos e alunos perdem a curiosidade e energia a ponto de se tornarem apáticos e mal-humorados. Todavia, não são todos os estudantes que se encontram sem vontade para o estudo. Há aqueles que se esforçam e se envolvem com as atividades escolares.

O procedimento de coleta de dados consistiu na elaboração e aplicação de um questionário que procurou levantar a problemática do desinteresse escolar. O questionário foi composto por questões objetivas e dissertativas que abordaram algumas hipóteses levantadas em relação à falta de interesse dos alunos como: questões familiares, falta de motivos para estudar e aprender, desmotivação própria

do aluno, ambiente escolar, perspectiva de futuro, estrutura curricular, histórico familiar e prática docente, por exemplo.

O contato com os alunos foi realizado em sala de aula, durante as aulas, por meio de prévio agendamento com o professor regente. A abordagem foi iniciada por um momento de sensibilização dos alunos e explicação sobre os objetivos da pesquisa, as questões e a forma de preenchimento. No segundo momento, o questionário impresso foi aplicado. Todos os alunos se dispuseram a responder o questionário de forma individual e a aplicação durou em média 35 minutos.

A partir da organização e sistematização dos dados coletados por meio dos questionários aplicados, utilizamos como orientação metodológica a proposta de Análise de Conteúdo (AC) que propõe um conjunto de técnicas de análise, utilizando procedimentos sistemáticos e objetivos para descrição do conteúdo de mensagens (BARDIN, 1977).

A partir da sistematização das respostas abertas em um arquivo único, utilizamos como referência os três pólos cronológicos de organização da análise de conteúdo descritos por Bardin (1977): a pré-análise que envolveu a organização e sistematização dos dados coletados, a formulação de hipóteses e a definição de indicadores; a exploração e a análise do material.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Ao pesquisar as causas e motivos da falta de interesse dos alunos pelos estudos não basta nos apoiarmos nas teorias existentes sobre esse assunto, é importante ouvir o que os alunos têm a dizer, o que pensam e o que sentem em relação à escola. Para levantar e discutir algumas possibilidades de respostas foi aplicado o questionário.

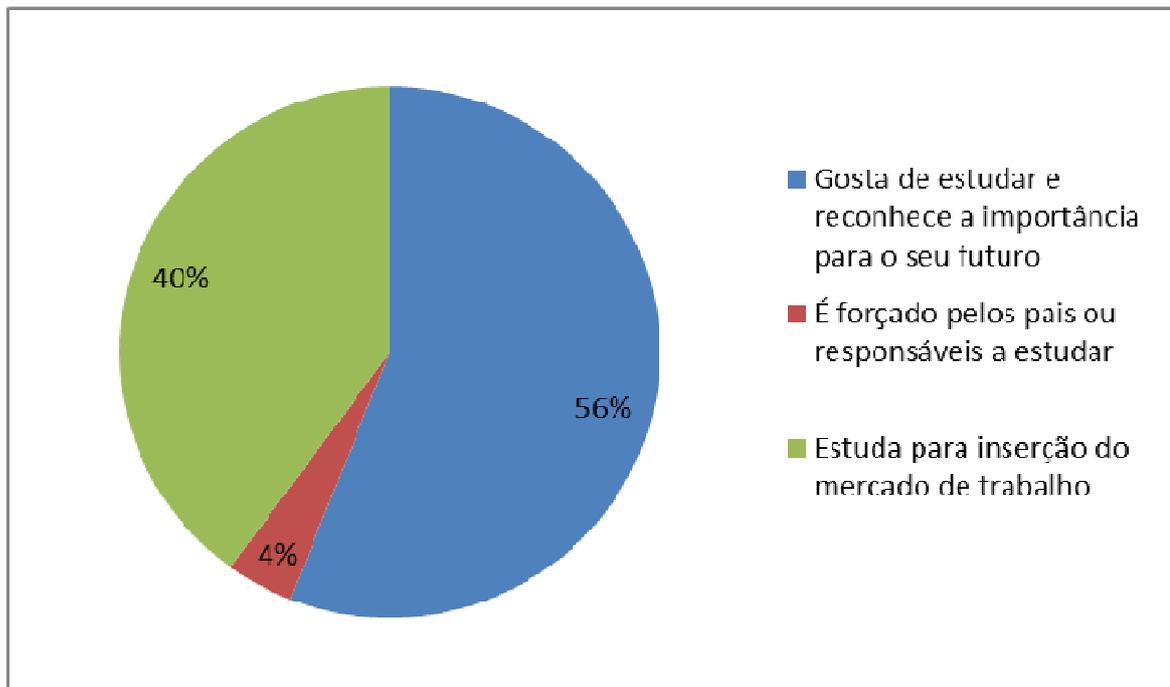
A partir da análise dos resultados obtidos foi possível identificar que a falta de interesse pelos estudos tem diversas origens e que as causas da desmotivação estão ligadas a fatores como:

- a) estrutura física escolar inadequada ou deficiente,
- b) ambientes pouco atrativos,

- c) estrutura curricular que não condiz com as expectativas dos alunos,
- d) metodologia do trabalho pedagógico que não motiva os alunos a aprender,
- e) problemas na relação professor-aluno.

Quando questionados sobre o motivo que os faz frequentar a escola, 56% (n=40) responderam que gostam de estudar e sabem que o conhecimento e a escolarização são importantes para seu futuro; 4% (n=3) responderam que só frequentam a escola porque são forçados pela família e 40% (n=29) responderam que frequentam a escola, principalmente, pela necessidade de inserção no mercado de trabalho, visto que existe uma competitividade grande para funções de melhor remuneração, que por sua vez exige cada vez maior nível de escolaridade e mais qualificação profissional; nenhuma resposta mencionou a questão legal que trata da obrigatoriedade da educação básica.

Gráfico 1 – Motivações para frequentar a escola



Fonte: Elaborado por Daniela Karine Ramos e Ana Paula Moreira Goeten.

Outra questão abordou o gosto pelos estudos e os resultados revelaram que dos 72 alunos que fizeram parte da pesquisa, 78% (n=56) responderam que gostam

de estudar, porém 22 % (n=16) dos alunos responderam que não gostam de estudar e de frequentar a escola.

Considerando, o número de alunos (n=16) que declararam não gostar de estudar e que frequentam a escola apenas por exigência do mercado de trabalho, subentende-se que o aluno tem a crença de que o estudo pode promover uma vida melhor no futuro.

Essa motivação reforça um dos objetivos básicos da socialização na escola definido por Gómez (1998) que se refere a preparação do aluno para sua inserção no mercado do trabalho. Porém, a função da escola não pode restringir-se a atingir esse objetivo, pois outra função descrita pelo autor contempla a formação do cidadão para a intervenção na vida pública.

Nesse sentido, o processo de escolarização precisa priorizar a formação integral do aluno, valorizando a aprendizagem significativa que o prepare para atuação construtiva, crítica e reflexiva na sociedade. A aprendizagem significativa pressupõe a disponibilidade para aprender, bem como a integração não arbitrária e substantiva entre a nova informação e os conhecimentos adquiridos previamente que compõe a estrutura cognitiva do indivíduo e cada nova integração essa estrutura se modifica (AUSUBEL; NOVAK; HANESIAN, 1980).

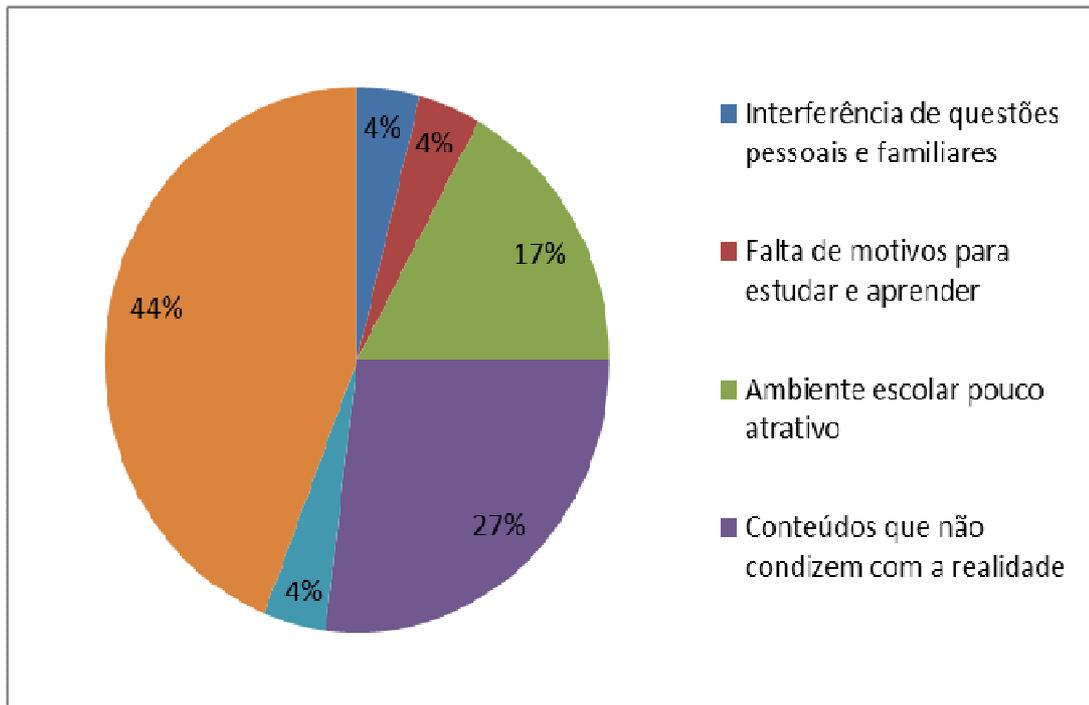
Desse modo, essa aprendizagem precisa considerar tanto os sujeitos envolvidos no processo como o contexto atual vivido que inclui a diversidade, as tecnologias e suas facilidades. Nesse sentido, Dayrell (2007) alerta que a escola não pode continuar lidando com os jovens utilizando os mesmos parâmetros consagrados por uma cultura construída em outro contexto.

Ao considerarmos os 22% dos alunos (n=16) que declararam não gostar de estudar, quando questionados sobre o que leva um aluno a não ter motivação para estudar, podendo assinalar mais que uma alternativa, a maioria das respostas foram enquadradas em duas das seis opções disponíveis.

O principal aspecto apontado pelos alunos que contribui para pouca motivação está no fato de que os conteúdos curriculares não condizem com a sua realidade, ou seja, o aluno não percebe a funcionalidade e a relevâncias dos conteúdos abordados na escola para a sua vida e seu dia a dia, fatores que contribuem para atribuição de sentido ao conteúdo (ZABALA; ARNAU, 2010). Para

27% (n=6) dos alunos que não gostam de estudar esse é um dos motivos indicados. Outro aspecto apontado por 44% (n=10) destes alunos é que o problema está na metodologia utilizada pelo professor que não os motiva suficientemente para prestar atenção na aula, fazer as atividades e para aprender aquele conteúdo.

Gráfico 2 Fatores indicados para a falta de motivação aos estudos



Fonte: Elaborado por Daniela Karine Ramos e Ana Paula Moreira Goeten.

Desse modo, temos como principais indicativos da desmotivação aspectos relacionados tanto ao conteúdo trabalhado, como a metodologia utilizada pelo professor. Esses indicativos contrariam as condições para uma aprendizagem significativa que incluem tomar como ponto de partida os conhecimentos prévios, estabelecer relações substanciais entre os conteúdos, possibilitar que o aluno seja ativo em seu processo de aprendizagem ao favorecer a atividade mental e o conflito cognitivo (ZABALA; ARNAU, 2010).

Os conteúdos precisam ser contextualizados para que os alunos possam relacioná-los com seu cotidiano, utilizá-los para fazer a leitura e atuar em seu meio. Sobretudo, o modo como os conteúdos são trabalhados em sala de aula refletem sobre o desejo de aprender. “Só se pode desejar saber ler, calcular de cabeça, falar

alemão ou compreender o ciclo da água, quando se concebem esses conhecimentos e seus usos. Às vezes, isso é difícil, porque a prática em jogo permanece opaca, vista do exterior.” (PERRENOUD, 2000, p.71).

Assim, os conteúdos, a transposição didática, os recursos didáticos e o processo de mediação estabelecidos a partir da relação entre professores, alunos e conhecimento precisam considerar que os conteúdos não “Estejam dissociados da realidade e do cotidiano dos alunos [...]. Um conteúdo em que o aluno não entende a função para o seu dia a dia, ou mesmo para a vida, aumenta a probabilidade de apatia.” (ARAÚJO, 1999, p.44).

Ainda segundo Araújo (1999), os professores devem prestar atenção e buscar saber se o conteúdo que está sendo ensinado é significativo para os alunos e inserir temas voltados para o cotidiano destes. Tais mudanças poderão interferir nas relações interpessoais estabelecidas na escola, bem como na motivação dos alunos para aprender, o que, por sua vez, contribui para a maior valorização e respeito pela escola.

A partir do momento em que os conteúdos são tomados observando os aspectos levantados, visando favorecer a aprendizagem significativa e a formação integral do aluno, a metodologia modifica-se. Nesse sentido, a mediação pedagógica que favoreça maior diálogo e participação, o uso de estratégias e recursos diversificados são aspectos a serem considerados.

Ao exercer a função mediadora o professor “Valoriza o conhecimento que o aluno possui e o toma como referência para a introdução do que lhe é desconhecido, permite a construção de um saber novo e abre novas perspectivas no processo de ensino aprendizagem.” (FURLANI, 1991 p.31). Do exposto decorre que numa proposta pedagógica relacional em que o professor acredita que o aluno constrói o conhecimento através da ação, ou seja, o aluno só aprenderá e construirá um conhecimento novo, se ele agir e problematizar a sua ação.

É nessa tarefa de mediação que se revela o papel de intelectual do professor, papel não só de portador, intérprete e crítico de uma cultura, mas também de produtor e de divulgador de conhecimentos, técnicas e procedimentos pedagógicos, e de agente de socialização, de intérprete e de guardião responsável pela consolidação das regras de conduta e daquelas maneiras de ser valorizadas pela sociedade e pela escola. (MELLOWKI; GAUTHIER, 2004, p. 545).

Para aprender, o aluno precisa de motivação, ou seja, ele precisa de uma razão pela qual terá vontade de aprender o que a escola lhe oferece, esse motivo para aprender pode já vir com ele (motivação intrínseca), influenciado pelas experiências vivenciadas antes mesmo da escola, como também poderá a escola ter que sensibilizar o aluno para aprender (motivação extrínseca). Desse modo, “[...] cabe enfatizar que a motivação é compreendida como uma variedade de processos psicológicos que levam a uma escolha, instigam, fazem iniciar um comportamento direcionado a um desígnio, como, por exemplo, fazer determinada tarefa.” (LEÃO, 2011, p.119), e “Que os professores os ‘situem na matéria’, ou seja, os ajudem a perceber o que determinado conteúdo tem a ver com eles e sua vida cotidiana.” (DAYRELL, 2007, p. 1122).

Desse modo, reforça-se que ensinar não é transferir conhecimento, mas exercer o papel de mediador, visando estabelecer o encontro entre os alunos e os conhecimentos a partir do estabelecimento de condições favoráveis à aprendizagem. Nesse encontro o contexto, as experiências e os conhecimentos prévios são considerados e o diálogo revela-se fundamental. Esses aspectos levantados e as questões pontuadas pelos alunos reforçam a motivação como uma condição à aprendizagem, por isso é importante despertar o desejo para aprender.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os resultados encontrados revelam que muitas são as causas do desinteresse dos alunos pelos estudos, mas que a principal delas é que os alunos que não gostam de estudar porque não percebem relações significativas entre os conteúdos escolares e o meio em vivem. Outro aspecto destacado sobre os motivos pelo desinteresse em relação aos estudos reside em aspectos metodológicos que por não privilegiarem uma aprendizagem significativa, o papel ativo do aluno e o uso de recursos diversificados.

No dia a dia da escola, percebe-se que a queixa em relação à desmotivação dos alunos é recorrente. E ao considerarmos as causas do mesmo, nós, educadores, precisamos estar mais atentos as conseqüências negativas que esta

desmotivação pode causar em nossos alunos e planejar mudanças a partir da nossa prática pedagógica com o objetivo de poder ajudá-los, evitando o uso de rótulos e conclusões precipitadas.

A motivação afirma-se como uma das condições fundamentais ao processo de aprendizagem e relaciona-se com aspectos ambientais, sociais e subjetivos dos sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, por isso merece ser considerado e nortear aspectos relacionados à seleção de conteúdos, as estratégias e recursos utilizados pelos professores, bem como reforça a necessidade do diálogo e na valorização do sujeito integral no contexto escolar.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, U. F. Respeito e autoridade na escola. In: AQUINO, J. G. (Org.) **Autoridade e autoritarismo na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1999.
- ASSMANN, H. **Reencantar a Educação: rumo à sociedade aprendente**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- AUSUBEL, D. P.; NOVAK, J. D.; HANESIAN, H. **Psicologia educacional**. Tradução de Eva Nick e outros. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.
- BABBIE, E. **The practice of social research**. 4<sup>th</sup>. Belmont: Wadsworth, 1986.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- CAVENAGHI, A. R. A.; BZUBECK, J. A. A motivação dos alunos adolescentes enquanto desafio na formação do professor. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 9., 2009, Curitiba. **Anais....** Curitiba: Ed. PUCPR, 2009. p. 1478-1484. Disponível em: <[http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/1968\\_1189.pdf](http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/1968_1189.pdf)>. Acesso em: 29 maio 2012
- DAYRELL, J. A escola “faz” as juventudes? reflexão em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, 2007.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FURLANI, L. M. T. **Autoridade do professor, meta, mito ou nada disso?** 3. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

FUSVERKI, E. V.; PABIS, N. A. A participação dos pais na escola influencia para uma melhor aprendizagem. **Revista Eletrônica Lato Sensu**, [S.l.], v. 3, n. 1, p. 1-15, mar. 2008.

GADOTTI, M. **Convite à leitura de Paulo Freire**. São Paulo: Scipione, 1999.

GÓMEZ, A. I. P. As funções sociais da escola: da reprodução à reconstrução crítica do conhecimento e da experiência. In: SACRISTÁN, J. G.; GÓMEZ, A. I. P. **Compreender e transformar o ensino**. 4. ed. São Paulo: Artmed, 1998.

LEAO, A. M. C. A (des) motivação extrínseca no contexto escolar: análise de um estudo de caso. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 6, n. 1, 2011. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/4803>>. Acesso em: 21 abr. 2012.

LIBANEO, J. C. A escola que sonhamos é aquela que assegura a todos a formação cultural e científica para a vida pessoal, profissional e cidadã. In: COSTA M. V. (Org.) **A escola tem futuro?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

\_\_\_\_\_. A didática e as exigências do processo de escolarização: formação cultural e científica e demandas das práticas socioculturais. In: Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino (EDIPE), 3., 2009, Anápolis. **Anais....** Anápolis: Ed. UEG, 2009. Disponível em: <[www.ceped.ueg.br/ocs20/dociiiedipe/texto\\_libaneo\\_iiiedipe.pdf](http://www.ceped.ueg.br/ocs20/dociiiedipe/texto_libaneo_iiiedipe.pdf)>. Acessado em: 10 mar. 2012.

LIERY, A. **Psicologia: experimentos essenciais: como exercitar seu cérebro**. São Paulo: Duetto Editorial, 2010.

MELLOWKI, M.; GAUTHIER, C. O professor e seus mandatos de mediador, herdeiro, interprete e crítico. **Educação & Sociedade**, Campinas, vol. 25, n. 87, p. 537-571, maio/ago. 2004 Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v25n87/21468.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2012.

MOREIRA, A. F. B.; CANDAU, V. M. **Indagações sobre currículo: currículo, conhecimento e cultura**. Brasília, DF: Ministério da Educação : Secretaria de Educação Básica, 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/indag3.pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2013.

NEVES, R. C.; BORUCHOVITCH, E. A motivação de alunos no contexto da progressão continuada. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, DF, v. 20, n. 1, p. 77-85, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/ptp/v20n1/a10v20n1.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2012.

PERRENOUD, F. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PINO, A, **Acriança e seu meio**: contribuição de Vigotski ao desenvolvimento da criança e à sua educação. São Paulo: EDUSP, 2010.

ROSA, E. C. S.; RAMOS, T. C. **Sala ambiente aprendizagem e trabalho pedagógico**. Material didático Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica. Florianópolis: UFSC, 2011.

TAPIA, J. A.; FITA, E. C. **A motivação em sala de aula**: o que é e como se faz. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

ZABALA, A.; ARNAU, L. **Como aprender e ensinar competências**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

Artigo recebido em: 14/08/2014.

Aprovado em: 25/01/2015.